

Cardoso, Denise Porto; "Conclusão", p. 115-120 . In: **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialeto Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-099-5, DOI 10.5151/BlucherOA-atitudeslinguisticas-007

5

CAPÍTULO

CONCLUSÃO

Segundo Labov (1976), os falantes de uma comunidade linguística se caracterizam por usos linguísticos socialmente heterogêneos, mas dividem entre si um conjunto de normas subjetivas comuns, que os leva a avaliar da mesma maneira as mesmas formas linguísticas (por exemplo, todos reconhecem o pouco prestígio do dialeto nordestino, qualquer que seja ele).

Muitos pesquisadores (LAMBERT E LAMBERT, 1915) aceitam a exigência, no domínio das atitudes linguísticas, da técnica do “confronto simulado” (*matched-queue*), e da necessidade de combinar este método com outros numa aproximação eclética. Foi esta aproximação eclética que tentamos fazer em nosso trabalho empírico. Ao mesmo tempo em que usávamos o questionário escrito, utilizávamos também fitas gravadas que serviram de estímulo às perguntas formuladas. Essa combinação de técnicas permitiu-nos confirmar a tese central de Labov, em seus estudos sobre a mudança linguística e a estratificação social das variantes linguísticas: existe um grande desequilíbrio entre práticas e atitudes linguísticas.

Ressaltamos aqui, mais uma vez, este aspecto de que as atitudes manifestadas pelos informantes tenderam a ser diferentes, em alguns pontos, em ausência e em presença de estímulos de fala gravados. Tais diferenças de comportamen-

to dos informantes se explicam, talvez, quando consideramos que a linguagem “serve também, tal como outros costumes e padrões de comportamento, para o estabelecimento e manutenção de relações sociais e para a expressão das nossas atitudes e personalidades” (LYONS, 1980, p. 49), havendo, por assim dizer, uma concorrência de fatores linguísticos e sociais.

Diversos pesquisadores colocaram em evidência uma correlação entre as atitudes linguísticas e o sexo dos informantes: as mulheres se ligariam mais aos valores legítimos que os homens, dentro do mesmo meio social. Além dessas atitudes, Trudgill (1975) afirma que as mulheres produzem igualmente mais formas legítimas que os homens. Para ele, a explicação principal dessas atitudes se encontra no fato de que conotações de virilidade estão associadas às realizações não legítimas. Apesar de se poder duvidar de seu poder explicativo, não se pode contestar este fato. Para Labov (1976), a preferência das mulheres para as variantes legitimadas se explica pelo fato de as mulheres terem uma maior disposição à ascensão social. Na nossa pesquisa, evidenciamos também uma forte tendência das mulheres na observação das normas linguísticas, confirmando assim o padrão geral do fator sexo: as normas linguísticas estão mais associadas às mulheres do que aos homens.

A maioria dos trabalhos vistos que utilizaram a variável “idade” mostram uma relação inversa consistente entre falantes mais velhos e falantes mais jovens. Embora esses trabalhos possam ter sido realizados a partir de diferentes recortes do contínuo “idade”, constata-se que as formas linguísticas aceitas como padrão tendem a ocorrer, predominantemente, entre falantes mais velhos. Os jovens manifestam, via de regra, um comportamento linguístico mais afastado dos padrões. Quando envolvem mudanças em curso, o efeito idade é decisivo. Os falantes mais jovens manifestam acentuada tendência para as variantes inovadoras, quer se trate de formas linguísticas privilegiadas, quer se trate de formas desprestigiadas. Na nossa pesquisa, evidenciamos também essa tendência a caracterizar a sua própria fala com atitude mais positiva.

Quanto ao fator “escolaridade”, podemos constatar o padrão geral que associa a predominância das formas linguísticas padrão a falantes com maior escolarização. Estes sempre privilegiam mudanças que implementam uma forma aceita socialmente e desfavorecem mudanças que se opõem ao padrão. Na nossa pesquisa constatamos que somente os menos escolarizados acatam a sua própria fala como aquela que carrega atitudes mais positivas.

Durante toda a investigação, mais em ausência do que em presença de falas gravadas, defrontamo-nos com exteriorizações de atitudes que nos levaram mais

a admitir do que negar nossas hipóteses, quando consideramos toda a gama de ordem linguística e social

Em relação com o primeiro grupo de hipóteses, que trata do dialeto aracajuano considerado isoladamente, concluímos que em ausência de fita-estímulo:

1. Aracajuanos, independentes de idade e escolaridade, aceitam a variedade nativa.
2. Em relação às políticas linguísticas, os informantes, independentemente das variáveis estudadas, afirmaram que é o indivíduo quem deve melhorar a língua falada. Entretanto, a escola e a família também foram tidas como responsáveis pela melhoria da língua falada, se bem que com índices percentuais menores.
3. Os resultados obtidos mostram que não há, entre os informantes, um reconhecimento nítido de diferenças de nível linguístico.
4. Aracajuanos, independente da variável analisada, afirmam que é importante falar bem. Entretanto, não identificam “falar bem” com a “língua culta”. Apenas a FE-I discorda de todas as outras variáveis quando afirma que “falar bem” é falar como o povo.
5. A variável “escolaridade” é que determina a atitude dos informantes em relação aos “desvios da norma”. Quanto mais escolarizados os informantes, mais rejeitam erros de “concordância verbal”, troca de “l” por “r” ou queda do “r” final. Entretanto, o emprego de *ter* por *haver* é admitido pela totalidade dos informantes, nem sempre com índices percentuais altos.

Os resultados obtidos com o uso da fita-estímulo também confirmam a teoria laboviana de que existe um desequilíbrio entre práticas e atitudes linguísticas. Na nossa pesquisa, percebemos que as respostas dadas ao questionário sem a fita-estímulo não se mantêm no questionário com a fita-estímulo.

As falas dos estímulos VI, VII, VIII e IX pertenciam todas a falantes aracajuanos com grau de escolaridade diferentes. A variável sexo não nos deu diferenças significativas. Tanto o sexo masculino como o feminino consideraram a fala do estímulo VI, pertencente a uma falante com escolaridade IV, como a mais aceita, enquanto a menos aceita foi dividida entre os falantes dos estímulos IX e VII com escolaridade II e III respectivamente. A variável “idade” apresentou resultados semelhantes ao da variável “sexo”. A fala que recebeu atitudes mais positivas continua sendo a do estímulo VI e as que detêm as atitudes mais negativas as dos estímulos IX e VII. A variável “escolaridade” confirma os resultados obtidos

nas variáveis “sexo” e “idade” em relação à fala mais aceita (a do estímulo VI); entretanto, considera a fala menos aceita a do estímulo VIII, cujo falante tem 1º grau incompleto.

Em relação ao segundo grupo de hipóteses, que trata do dialeto aracajuano e dos dialetos com os quais o aracajuano tem maior contato – o baiano, o alagoano e o carioca –, concluímos que, em ausência da fita-estímulo, a fala mais privilegiada é a carioca e a menos aceita é a alagoana. As respostas dos informantes de sexo feminino pouco atingem um percentual médio nas características positivas em relação à fala alagoana enquanto as do sexo masculino ficam sempre dentro de um índice médio. Em relação à variável “idade”, somente os falantes mais jovens fogem ao resultado geral afirmado de que a fala aracajuana é a que apresenta atitudes mais positivas. Em se tratando da variável “escolaridade”, são os menos escolarizados que concordam com os mais jovens ao dar à fala aracajuana as atitudes mais positivas.

Na presença da fita-estímulo há uma grande aceitação da fala alagoana por parte dos informantes. É a fala alagoana que passa a ser considerada pelos homens igual à fala carioca (80,5%), enquanto, para as mulheres, a fala carioca continua recebendo as atitudes mais positivas, embora as atitudes referentes à fala alagoana apresentem índices superiores àquelas sem a fita-estímulo. Para os informantes das faixas etárias I e II, as falas alagoanas e carioca são as mais aceitas, enquanto os da faixa etária III consideram a fala baiana como a que recebe atitudes mais positivas. A fala carioca é a mais “bonita” e mais “agradável” para os informantes com “escolaridade” I e III. Para os de “escolaridade” II, a fala baiana divide com a primeira fala aracajuana o título de fala mais “bonita”, enquanto os de “escolaridade” IV elegem a fala alagoana como a mais “bonita” e mais “agradável”. A fala menos aceita fica com a segunda fala aracajuana, que detém as atitudes mais negativas tanto para a variável “sexo”, como “idade” e “escolaridade”.

É claro que os resultados obtidos nesta pesquisa não podem ser definidos, porque qualquer avaliação é subjetiva. Mas por que pessoas avaliam outras, favorável ou desfavoravelmente, com base na fala delas? Por um lado, essa questão de valor está ligada a características não linguísticas. Alguém cuja fala sugere ter características de alto valor será valorizado favoravelmente e inversamente para características que são tidas em baixa estima. Essas características com alto valor variam de sociedade para sociedade. Aqui no Brasil valoriza-se favoravelmente a fala carioca, uma vez que é dessa região que nasce a moda, desenvolve-se a cultura, afirma-se a nacionalidade. Por isso, a musicalidade da entonação carioca é carregada de atitudes positivas e as pessoas que usam essa musicalidade são

altamente valorizadas. O nordeste é a região da seca, da miséria, daí a grande migração para os estados do sudeste. Tudo isso faz com que o nordestino seja taxado negativamente onde quer que esteja. Já está longe a época em que Antenor Nascentes afirmava: “A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a pronúncia lusitana áspera e enérgica” (NASCENTES, 1953, p.29). Como o nordestino é taxado negativamente, as características de sua fala também o são. A sua fala dá uma “maior impressão de fala cantada, porque as duas sílabas são pronunciadas mais vagorosamente, e têm o mesmo valor, enquanto as vogais são marcadas e abertas” (NASCENTES, 1953, p. 33). Há, desse modo, um preconceito linguístico em relação à fala cantada do nordestino em geral e do aracajuano em particular.

A questão de valor ligado à fala deve levar em conta o fato de que a língua é usada como símbolo de qualidade de um grupo. As pessoas que usam a fala para identificar um grupo social a que pertencem (ou gostariam de pertencer) são avaliadas de acordo com as atitudes mais recentes dos grupos envolvidos. As características atribuídas a outras pessoas são simplesmente aspectos do membro-protótipo do grupo ao qual elas pensam pertencer; e a avaliação destas características depende em parte do valor do grupo a que elas pertencem. Em outras palavras, parte de cada opinião individual de alguém é derivada da opinião de seu grupo social, ou grupos a que pertence, e o respeito próprio depende em parte do respeito pelo grupo como um todo. Entretanto, linguisticamente falando, nenhum dialeto pode ser considerado melhor que as outras variedades da língua porque

O estudo científico das línguas convenceu a maioria dos estudiosos de que todas as línguas, e conseqüentemente, todos os dialetos são igualmente ‘bons’ como sistemas linguísticos. Todas as variedades de uma língua são sistemas estruturados, complexos, governados por normas inteiramente adequadas às necessidades de seus falantes. Daí se conclui que juízos de valor sobre a correção e a pureza de variedades linguísticas são muito mais sociais que linguísticas. Não há nada inerente nas variedades não-padrão que as faça inferiores. Qualquer aparente inferioridade é devida somente à sua associação com falantes de grupos desprivilegiados e subcategorizados. Em outras palavras, atitudes para com dialetos não-padrão são atitudes que refletem a estrutura social de determinada sociedade (TRUDGILL, 1975, p. 209).

